Dia 5 — São Vicente Ferrer, Confessor

São Vicente Ferrer, tão célebre em toda a Igreja e um dos maiores ornamentos da ordem dos Pregadores, nasceu em Valência, na Espanha, no ano de 1357, de uma família muito antiga, mas não menos acreditada por sua piedade e por sua caridade com os pobres do que pelo esplendor de sua nobreza.

Veio ao mundo nosso santo dotado de tão nobre natural e de tão belas inclinações que foi sua infância um prelúdio daquele admirável zelo e daquela eminente santidade que fizeram depois seu caráter. Desde logo foram os pobres o objeto de sua inclinação e de seus carinhos. Não podiam dar ao menino Vicente maior gosto que encomendar-lhe que repartisse com sua tenrinha mão a esmola. Os jogos com os outros meninos de sua idade eram sempre sobre coisas de devoção, e todos os seus entretenimentos se reduziam a fazer oração e a ler livros devotos. Foi menino pouco tempo e nunca se deslizou nos vícios da juventude.

Era de engenho vivo e penetrante e de memória feliz. Aos doze anos começou a filosofia e, dois anos depois, a sagrada teologia, na qual fez tão grandes progressos que, aos dezessete anos, sabia mais que seus mestres.

Como ia crescendo em sabedoria, ia também crescendo em santidade. O estudo não lhe impedia a devoção. Favoreceu-o o céu com o dom de lágrimas numa idade pouco suscetível destas piedosas impressões. A matéria mais frequente de sua meditação era a paixão de Cristo e quase desde o berço distinguiu-se por sua devoção e ternura para com a santíssima Virgem.

Acabados os estudos, aos dezessete anos de sua idade, declarou-lhe seu pai o intento que tinha de colocá-lo bem no mundo, caso não o chamasse Deus ao estado eclesiástico ou religioso; mas ficou gostosamente surpreendido quando ouviu da boca de seu filho a resolução em que estava de abraçar o instituto de São Domingos, onde floresciam a sabedoria, o zelo e o mais exemplar fervor. Cheio o piedoso pai de um ternísimo gozo: «Agora sim, filho meu — disse-lhe, lançando-lhe os braços ao pescoço —; agora sim que entendo um sonho que tive poucos dias antes que nascesses. Sonhei que, entrando na igreja dos padres pregadores, se chegava a mim um religioso e me dava os parabéns de que teria um filho que com o tempo seria uma das mais brilhantes luminárias de sua ordem e cujo zelo igualaria ao dos apóstolos dos primitivos tempos da Igreja.» Ao ouvir estas palavras, respondeu Vicente: «Pois, padre e senhor, não dilatemos o cumprimento de um vaticínio tão ditoso para mim: sendo tão clara a vontade do Senhor, seria muito delinquente qualquer dilação.» Admirado e enternecido o pai com a generosa resolução de seu filho, ele mesmo o conduziu ao convento de pregadores que havia na cidade. Apresentou-o ao prior, que o recebeu como um dom vindo do céu, cujo valor conhecia muito bem.

Ainda sendo apenas noviço, duvidava-se de que houvesse na comunidade religioso mais perfeito. Desde logo se propôs por modelo a vida de seu santo fundador e, sem ponderação, pode-se assegurar que saiu a cópia parecida ao original. Depois de feita a profissão religiosa, só se dedicou a corresponder à perfeição de seu estado; e assim, pela santidade de sua vida como pela eminente doutrina que adquiriu na carreira dos estudos, foi sem disputa um dos homens mais sábios e mais santos de seu século.

O estudo interrompia pouco ou nada sua oração. «Se queres estudar com fruto — diz o mesmo santo em seu tratado da vida espiritual [^1] —, procura que a devoção acompanhe sempre o estudo. Consulta mais o Espírito Santo que os livros e pede incessantemente a Deus a inteligência do que lês. Cansa, fatiga o estudo; pois descansa de tempo em tempo nas sagradas chagas de Jesus Cristo: alguns instantes de repouso em seu sagrado coração acrescentam nova força, nova luz ao entendimento. Interrompe a aplicação com breves, mas fervorosas jaculatórias; não dês princípio nem ponhas fim à tarefa do estudo sem a oração: porque a sabedoria é dom do Pai das luzes e de modo nenhum é obra de nosso engenho nem de nosso trabalho.»

Aos vinte e quatro anos de sua idade nomearam-no os superiores para que lesse filosofia aos religiosos do convento; e fê-lo com tanto crédito que desde logo se declararam discípulos seus setenta estudantes seculares. À vista daquele primeiro ensaio da sublimidade de seu talento, julgaram os superiores que para um gênio tão grande era curto teatro Valência. Enviaram-no primeiro a Barcelona e depois a Lérida, onde estava então a universidade da Catalunha. Ali recebeu o grau de doutor, sendo de idade de vinte e oito anos, por mão do cardeal Pedro de Luna, legado então da Sé apostólica na Espanha. Voltando a Valência, o bispo, o cabido e a cidade o obrigaram a explicar em público a Sagrada Escritura e a fazer um curso de teologia; e, como tinha um talento eminente para o púlpito, não permitiram que o tivesse escondido. Começou a pregar e começou a converter. Não havia obstinação que resistisse à força e à eficácia de seus sermões; e as grandes conversões que fez deram logo a conhecer que Deus havia enviado ao mundo um novo apóstolo.

Compunha os sermões aos pés de um crucifixo; e conhecia-se bem que sua eloquência não podia nascer de outra fonte nem princípio. Mas, por muito que se multiplicassem seus ministérios exteriores, jamais interrompia sua contínua oração. De tal maneira se dedicava ao trato com os próximos que nunca perdeu o recolhimento interior. Crescia sua humildade com sua reputação e aumentava a penitência com os trabalhos apostólicos. As isenções e privilégios pessoais dos doutores, dos mestres e dos pregadores não falavam com frei Vicente: ignorava-os inteiramente no que tocava a sua pessoa e não sabia distinguir-se senão pelos exercícios de maior penitência e de maior humilhação.

Dito está que um zelo tão assombroso e uma virtude tão sobressaliente haviam de encher de raiva o demônio, e que este não havia de deixar em repouso nosso santo. A nenhum meio perdoou para derrubá-lo: fez quanto pôde para vencê-lo ou ao menos para causar-lhe dano. Permitiu Deus, para provar sua fidelidade e para temperar a vanglória que lhe podia resultar de ver-se tão aplaudido, que fosse combatido das mais vergonhosas tentações. Não lhe dava tréguas o anjo de Satanás; e, afora as sugestões e os torpíssimos objetos que fingia até a seus mesmos olhos corporais, punha em movimento todos os demais artifícios para dar em terra com sua pureza.

Incitou uma mulher jovem a fingir-se enferma, a qual, havendo mandado chamar nosso santo para que a confessasse, empregou todos os meios que soube inventar a paixão e a torpeza para seduzi-lo; mas apenas conheceu Vicente o laço, fugiu dele com precipitada fuga. Quis a irritada mulher vingar o desaire de sua cega paixão, levantando ao santo a mais sensível calúnia; mas só serviu para tornar mais vergonhosa sua confusão e mais gloriosa a reputação de Vicente. A esta vitória seguiu-se outro novo ataque. Achou modo de entrar e esconder-se na celazinha do santo uma infame mulher pública: entrou nela Vicente e, feita sua costumada oração, pôs-se a estudar serenamente quando se lhe apresentou aquela má mulher, cheia de desenvoltura. Não se evitava o escândalo com a fuga; e, cheio o castíssimo Vicente de uma grande confiança na misericórdia do Senhor, falou-lhe com tanta força e eficácia que ao ponto a converteu. Chorou, gemeu, afligiu-se; e, nascendo sua dor de um sinceríssimo arrependimento, edificou tanto dali em diante toda a cidade com o exemplo de sua vida como antes a havia escandalizado com suas desordens.

No ano de 1394 [^2], morto o papa Clemente VII, foi nomeado papa em Avinhão o cardeal Pedro de Luna, que tomou o nome de Bento XIII, enquanto Bonifácio IX, sucessor de Urbano VI, ocupava a santa Sé em Roma. Não havia um ano que o santo estava de volta em Valência quando Bento o chamou a Avinhão, fez dele seu confessor e nomeou-o mestre do sacro palácio.

Tudo o que tinha ar de dignidade era muito contrário ao gênio do humildíssimo Vicente; mas, crendo ouvir a voz do vigário de Jesus Cristo na de um homem a quem a Espanha e a França reconheciam então por legítimo papa, obedeceu; mas não sem sentir uma vivíssima dor de ver o escandaloso cisma que afligia toda a Igreja. Era tão obscuro e tão difícil de resolver o direito que todos os concorrentes pretendiam ter ao pontificado que foram muito escusáveis muitos e grandes santos por haverem seguido de boa-fé os diferentes partidos. Mas não foi inútil a assistência de nosso Vicente junto à pessoa de Bento. Não contente com gemer incessantemente na presença de Deus, exortava-o continuamente ao desinteresse e à união. Fez muitas viagens à Catalunha, a Aragão, à França, ao lado do imperador Sigismundo e do rei Carlos VI, e não contribuiu pouco para que se convocasse em Constança um concílio geral.

Havia cerca de dezoito meses que estava em Avinhão quando se viu assaltado de uma violenta e maligna febre que o reduziu aos últimos extremos. Estando já para expirar, apareceu-lhe Cristo e mandou-lhe que, deixando a corte de Bento, fosse pregar como apóstolo por todas as partes. Sua cura repentina e milagrosa foi prova visível da verdade da aparição. Ofereceu-lhe Bento o bispado de Valência e o capelo de cardeal; mas coisa nenhuma foi capaz de deslumbrá-lo nem de detê-lo, e partiu com potestade de legado apostólico para pregar em todas as partes o Evangelho.

Mas, havendo sabido que Gregório XII e João XXIII [^3], para pôr fim ao cisma e dar paz à Igreja, haviam renunciado suas pretensões e se haviam submetido à decisão do concílio, fez quanto pôde para reduzir Bento a que imitasse o mesmo exemplo; e, não havendo podido consegui-lo, separou-se de sua comunhão e desde então o tratou como a cismático.

O sumo pontífice Martinho V nomeou-o de novo missionário apostólico por todo o universo, e bem depressa se o viu percorrer países imensos e fazer mudar de semblante a quase toda a Europa. Deu princípio à sua missão pela Espanha, no ano de 1447 [^4]. Obrou tantas maravilhas seu zelo, assim no povo como no clero, que as conversões assombrosas que fez nos reinos e províncias de

Catalunha, Valência, Múrcia, Granada, Andaluzia, Leão, Castela, Astúrias e Aragão lhe mereceram o glorioso título de apóstolo da Espanha. Depois entrou na França, onde ainda foi mais abundante a messe. O Languedoc, a Provença e o Delfinado corresponderam maravilhosamente a seus apostólicos trabalhos e de certa maneira se pode dizer que fizeram honra a seu zelo pela reforma geral de costumes em todos os estados. Passou à Itália e correu com iguais felicíssimos sucessos toda a ribeira de Gênova, o Piemonte, a Lombardia e a Saboia. Penetrou pela Alemanha, pregou em todo o alto Reno e com tanto fruto em todas as partes que já só se o conhecia pelo nome de Apóstolo de toda a Europa.

Não é possível referir individualmente as viagens apostólicas, os excessivos trabalhos, o assombroso fruto e todas as maravilhas deste grande santo. Só com deixar-se ver, sentiam-se movidos à compunção os mais endurecidos pecadores, acabando depois sua conversão a divina graça, que sempre acompanhava sua triunfante eloquência. O mais ordinário assunto de seus sermões eram as verdades mais terríveis da Religião: a morte, o inferno e sobretudo o rigor do juízo final. Pregava com tanta força e com tanto zelo que enchia de terror até os corações mais insensíveis. Pregando em Toulouse sobre o juízo universal, todo o auditório começou a estremecer com uma espécie de tremor semelhante ao que precede uma furiosa febre. Muitas vezes interrompiam o sermão os prantos e os alaridos de seus ouvintes, vendo-se o santo obrigado a calar por longo tempo e a misturar suas lágrimas com as do auditório. Em não poucas ocasiões, pregando, já nas praças públicas, já em campo raso, viam-se ficar muitas pessoas imóveis e pasmadas, como se fossem estátuas. Um insigne pecador caiu a seus pés morto de dor ao acabar de confessar-se. Enfim, todos diziam a uma voz que não era possível ouvir Vicente e perseverar em pecado.

Não se pode duvidar que Deus lhe comunicou o dom de línguas. O prodigioso número de judeus, mouros, sarracenos, turcos e eslavões que tirou da infidelidade, sem falar dos milhares de hereges, cismáticos e pecadores obstinados que converteu na Espanha, França, Itália, Alemanha, Países Baixos e Inglaterra, prova concludentemente que sem milagre não era possível que se deixasse entender de tantas e tão diferentes nações.

Os povos saíam em tropas a recebê-lo como a enviado do Senhor. Seguiam-no quando ia de um lugar a outro, e alguma vez se contaram mais de dez mil pessoas que iam atrás dele ao passar a outra cidade. Houve vez que se juntaram em campo raso ao redor dele até oitenta mil: tal era a ânsia com que concorriam a ouvi-lo. Só na Espanha converteu à fé vinte e cinco mil judeus e mais de oito mil sarracenos: as demais conversões não podem reduzir-se a algarismo. Logo que se divulgava o lugar aonde havia de ir fazer missão São Vicente, antecipavam-se os mercadores a celebrar uma espécie de feira de gêneros poucas vezes vistos, levando cargas inteiras de cilícios, disciplinas, correntinhas, raladores, capotinhos de cerdas e outros instrumentos de penitência.

Ao dom de línguas acompanhava o de milagres. Contudo, pode-se afirmar que a eficácia que o Senhor comunicava a seus sermões não nascia menos da força de seus exemplos e da santidade de sua vida que da virtude de seus milagres e da veemência de seus discursos.

Em suas longas viagens, no meio de suas maiores fadigas e entre os mais penosos ministérios de seu apostólico zelo, jamais afrouxou na mais exata observância da regra que havia abraçado. Por

espaço de quarenta anos jejuou todos os dias da semana, exceto o domingo, reduzindo-se às quartas e sextas a pão e água, sem dispensar-se jamais desta rigorosa abstinência por seus excessivos trabalhos. Sua cama eram uns sarmentos ou um pouco de palha: todas as noites despedaçava seu corpo com sangrentas disciplinas. Nem as enfermidades eram bastantes para obrigá-lo a mitigar suas cruéis penitências. Ninguém o excedeu no apostólico desinteresse com que pregava e exercia todos os demais ministérios; tanto que poderia parecer como característica nele a virtude da pobreza.

Do púlpito ia direito ao confessionário e nunca soube que coisa era acepção de pessoas. Fazendo-se tudo a todos, ganhava milhares de almas para Jesus Cristo. Correspondia sua devoção a sua mortificação e a seu zelo. Sempre que se deixava ver no altar, derretia-se em ternas lágrimas; celebrando o santo sacrifício da missa com tanta fé, com tanto respeito e com tão visível amor a Jesus Cristo que os infundia em todos os circunstantes. A terna devoção à santíssima Virgem foi, digamo-lo assim, a devoção de seu carinho e a que inspirava com maior cuidado a todos os seus penitentes. Tal era o ministro que havia escolhido Deus para levar pelo mundo sua divina palavra.

Chegando à notícia do rei da Inglaterra as maravilhas que obrava o Senhor por seu fiel servo, escreveu-lhe uma carta em termos muito respeitosos e despachou-lhe um fidalgo para suplicar-lhe que lhe fizesse o gosto de estender até seu reino os efeitos de sua apostólica caridade. Mandou equipar um navio a suas reais expensas e enviou-o às costas da França para que se embarcasse nele nosso santo, a quem fez em seu recebimento mais honras que as que faria a um soberano. Pregou nas principais cidades da Inglaterra, onde fez tantos prodígios como havia feito em todas as partes. Tendo voltado à França, percorreu muitas províncias daquele reino, e sempre com igual fruto. Achando-se em Bourges no ano de 1419 [^5], recebeu cartas de João V, duque da Bretanha, em que lhe suplicava que passasse a fazer missão a seus estados. Em todas as cidades daquele ducado fez-se-lhe o mesmo recebimento que se poderia fazer ao próprio sumo pontífice. O povo, os magistrados e até os próprios bispos saíam a larga distância a recebê-lo. Quando se aproximou da capital, saíram o duque e a duquesa com toda a corte até meia légua e conduziram-no como em triunfo à cidade. Em toda a Bretanha e em toda a Normandia conheceu-se muito logo a geral reforma de costumes na nobreza, no clero e no povo; e foi no meio destas assombrosas conversões que São Vicente consumou o sacrifício de sua apostólica vida.

Consumido ao rigor de tantas penitências e trabalhos, havia muito tempo que vivia como de milagre quando caiu doente em Vannes. Os cinco companheiros de sua ordem que levara consigo da Espanha e que jamais se separavam de seu lado fizeram-lhe grandes instâncias para que se deixasse transportar a Valência, desejando que o lugar de seu nascimento e de sua profissão religiosa fosse também o de sua sepultura. Mas quis Deus ouvir as orações dos moradores de Vannes, que não podiam sofrer que se lhes roubasse aquele preciosíssimo tesouro. Enfim, aos 5 de abril do ano de 1419, quarta-feira da semana da Paixão, aquele grande santo, tão célebre em todo o mundo cristão pelo imenso número de conversões e de milagres, tão singularmente venerado dos povos e dos grandes, consultado tantas vezes dos sumos pontífices e dos mesmos concílios, dotado do dom de profecia e feito a admiração do universo, morreu em Vannes, quase aos setenta anos de sua idade e aos cinquenta e dois de sua profissão religiosa.

João, duque da Bretanha, mandou fazer-lhe magníficas exéquias. A duquesa quis lavar-lhe os pés ela mesma, e Deus fez muitos milagres com a água com que lhos lavou. Contam-se até oitocentos e sessenta os que fez o santo em vida; os que tem feito depois de morto são inumeráveis e se aumentam cada dia. Canonizou-o o papa Calisto III no ano de 1455; mas a bula de sua canonização não se expediu até dois anos depois por seu sucessor Pio II. Todas as alfaias que lhe serviram em vida são hoje digno objeto da maior veneração dos fiéis, e o Senhor obra grandes milagres por estas preciosas relíquias. Seu sagrado corpo se conserva até o dia de hoje em Vannes com tanta veneração como magnificência [^1].

Martirológio Romano

Em Vannes, na Bretanha, São Vicente Ferrer, confessor, da ordem dos pregadores, poderoso em obras e em palavras, o qual converteu muitos milhares de infiéis à fé de Jesus Cristo.

Em Tessalônica, Santa Irene, virgem, que, por haver ocultado os livros sagrados em contravenção ao edito de Diocleciano, foi presa, açoitada e queimada por ordem do presidente Dulcécio, que pouco antes havia feito martirizar suas duas irmãs, Ágape e Quiônia.

Na ilha de Lesbos, o martírio de cinco santos mártires.

No mesmo dia, São Zenão, mártir, a quem, depois de esfolá-lo e untá-lo com piche, lançaram ao fogo.

Na África, o martírio de muitos santos que, na perseguição do rei ariano Genserico, foram degolados na igreja no dia de Páscoa; entre eles havia um leitor, a quem, ao mesmo tempo que cantava o Aleluia no púlpito, atravessaram a garganta com uma seta.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui Ecclesiam tuam beati Vincentii confessoris tui meritis et prædicatione illustrare dignatus es; concede nobis famulis tuis, ut et ipsius instruamur exemplis, et ab omnibus ejus patrocinio liberemur adversis. Per Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, que vos dignastes ilustrar vossa Igreja com os merecimentos e a pregação de vosso confessor, o bem-aventurado Vicente, concedei-nos, a nós, humildes servos vossos, que

imitemos seus exemplos e que, por sua proteção, sejamos livres de todas as coisas adversas. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 31 do livro do Eclesiástico (o original diz «Sabedoria»).

Eclesiástico 31,8-11

> **Latim:** 8 Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. 9 Quis est hic ? et laudabimus eum : fecit enim mirabilia in vita sua. 10 Qui probatus est in illo, et perfectus est, erit illi gloria æterna : qui potuit transgredi, et non est transgressus ; facere mala, et non fecit. 11 Ideo stabilita sunt bona illius in Domino, et eleemosynas illius enarrabit omnis ecclesia sanctorum.

Português: 8 Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros. 9 Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida. 10 Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: 11 Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas.

Nota

«Jesus, filho de Sirac, e neto ou bisneto de Jesus, filho de Josedec, era respeitado não menos por sua virtude que por sua aplicação ao estudo dos livros sagrados. Foi levado cativo a Babilônia por Ptolomeu Lago, cerca de 320 anos antes de Jesus Cristo: ali compôs este admirável livro intitulado o Eclesiástico, ou o livro que prega. Reconhece-o a Igreja por canônico, isto é, inspirado pelo Espírito Santo, e como tal lhe dá lugar no cânon dos livros sagrados.»

Reflexões

Beatus dives, qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. A felicidade de um homem rico não consiste em seus tesouros, mas em suas virtudes. Sendo as riquezas um dom da liberalidade do Senhor, é de admirar que a virtude faça tão poucos progressos entre os ricos,

quando nenhuns deveriam ser mais virtuosos a título de mais agradecidos. Por isso deveria sempre triunfar a virtude no meio da abundância. Logram-se com ela mais meios para santificar-se; pois por que os ricos não deverão ser mais santos?

No meio disso, sucede quase sempre todo o contrário. Os mais poderosos, os que vivem com maiores conveniências no mundo, não costumam ser os mais santos nem mesmo os melhores cristãos. A opulência os põe a coberto contra as misérias da vida; mas os exime acaso das leis do Evangelho? Porque tenham mais bens que os outros, adquirem direito para ter menos piedade e menos religião?

Esta só proposição irrita o ânimo; mas não há sobrados motivos para fazê-la? Uma desordenada licença de costumes, uma dissolução desenfreada de coração e de espírito e uma conduta tão pouco cristã na maior parte dos que se chamam ditosos no mundo, não dão bastante direito para perguntar se a gente de distinção, se os homens ricos gozam algum privilégio que os dispense na severidade da lei evangélica; ou se a diversidade de condições supõe alguma diferença de mandamentos na lei santa de Deus a respeito daqueles que professam uma mesma religião? Mas, a menos que se ignorem os primeiros princípios do cristianismo, poder-se-á duvidar que esta lei é universal? Não há mais que um Evangelho; logo não pode haver mais que uma doutrina: e certamente, se esta doutrina admitisse algum lenitivo, alguma dispensa, parece que não deveria ser em favor dos ricos. Como sua mesma condição os expõe a maiores obstáculos para conseguir a salvação, parece que ela mesma lhes está impondo a indispensável necessidade de acrescentar à observância dos mandamentos a prática da maior parte dos conselhos.

Fecit enim mirabilia in vita sua. Ó, com quanta razão reputa o Sábio por uma espécie de prodígio que se veja um homem rico e ao mesmo tempo inocente! São as riquezas, segundo a expressão do Salvador, uns espinhos que não só picam, mas ferem e furam. Contudo, falando em rigor, não são as riquezas em si mesmas, mas o abuso delas, o que as faz servir de estorvo à salvação.

Chegou um a ser rico; pois já não é a Religião a que regula nem seus ditames nem suas ações. O posto que ocupa, o emprego que comprou, os bens que possui são a regra e a medida de seus desejos, de seus pensamentos e, pode-se acrescentar, até das mais essenciais obrigações da Religião.

Logrou o outro fazer papel no mundo, ascender a um emprego que o distingue: pois quase nunca cede esta distinção em favor da piedade. Uma fortuna não esperada, uma rica herança, um negócio feliz tirou aquele do pó em que se achava; pois a dois dias já esqueceu sua primeira condição; e que meios não aplica para esquecê-la? Bem se pode dizer que sempre que faz fortuna a pessoa, também a faz o amor-próprio. Raras vezes se separam da prosperidade o orgulho, a delicadeza e o prazer. Quem não dirá que hoje em dia o regalo, a indevoção e a ociosidade são provas legítimas de nobreza? O que não se pode negar é que elas como que caracterizam e distinguem os ricos dos que não o são. Quem visse a maior parte das pessoas acomodadas e de grandes conveniências julgaria que a opulência e a profanidade são títulos legítimos para ser pouco cristãos; mas o serão para salvar-se? Oh, bom Deus, que maravilha tão rara é encontrar um homem sem mancha entre a prosperidade e a abundância! *Beatus dives, qui inventus est sine macula... quis est hic, et laudabimus eum? fecit enim mirabilia.*

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas.

Lucas 12,35-40

> **Latim:** 35 Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris, 36 et vos similes hominibus exspectantibus dominum suum quando revertatur a nuptiis : ut, cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei. 37 Beati servi illi quos, cum venerit dominus, invenerit vigilantes : amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis. 38 Et si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. 39 Hoc autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. 40 Et vos estote parati : quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.

Português: 35 Estejão cingidos os vossos lom- bos, e nas vossas mãos tóchas ac- cesas; 36 e sede vós-outros semelhantes aos homens, que esperão a seu senhor, ao voltar das vodas: para que, quando vier, a bater á porta, logo lha abrão. 37 Bemaventurados aquellos servos, a quem o senhor achar vigiando, quando vier: na verdade vos digo, que elle se cingirá, e os fará sentar á meza, e passando por entr'elles, os servirá. 38 E se vier na segunda vigilia, e se vier na terceira vigilia, e assim os achar, bemaventurados são os taes servos. 39 Mas sabei isto, que se o pai de familia soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa. 40 Vós-outros pois estai apercebi- dos: porque á hora, que não cuidais, virá o Filho do homem.

Meditação

Da pronta obediência à voz de Deus

Primeiro ponto

Considera que, do mesmo modo que Deus merece ser obedecido, merece sê-lo sem dilação. Toda obediência forçada lhe é desagradável; porque a obediência menos pronta sempre é sinal de indiferença e muitas vezes até de desprezo.

As ordens de Deus não admitem réplica; pois quem poderá com razão diferir o obedecê-las? Quando Deus nos manda algo, ignorará porventura nossa qualidade, nossa repugnância, nossa fraqueza ou nossas necessidades? Que erro, que blasfêmia, imaginar que um Deus tão justo, tão

sábio, tão bom queira mandar-nos coisas impossíveis! Que impiedade crer que nos negue seus auxílios para cumprir seus mandamentos! Pois por que não lhe obedecemos com prontidão? O que manda é um Soberano infinitamente sábio; é um Pai infinitamente bom.

Se merece ser obedecido dentro de um dia ou dentro de uma hora, por que não merecerá sê-lo no instante?

Todas essas dilações em obedecer são, digamo-lo assim, como uns parênteses da devida submissão, são intervalos de desobediência e de indocilidade. Declaram-se concorrentes com o mesmo Deus a paixão e o amor-próprio, e pretendem disputar-lhe a pronta obediência a suas ordens. Na realidade pensa-se em obedecer ao Senhor, mas há de ser quando a um lhe aprouver. Isto se chama prestar tantos ouvidos ao humor e à própria inclinação como à voz de Deus. Manda o Senhor que se restitua, que se façam as pazes, que se reforme a vida; consente-se nisso, mas com certas restrições, com certas cláusulas. Voz de Deus é a voz do diretor, a do pregador, a do livro, a da própria consciência; ouve-se e até se quer fazer o que dita, mas em certo tempo; presta-se o consentimento à inspiração, mas quase nunca no mesmo ponto em que se sente. De maneira que o que pede o amor-próprio sempre há de ir adiante do que pede Deus. O que se acomoda ao gosto da paixão, do gênio, dos sentidos, isso não admite dilação; mas para fazer o que Deus manda, sempre há tempo. Compreende bem a injustiça e a indignidade destas irreverentes dilações.

Segundo ponto

Considera que a obediência tardia de ordinário se acredita de forçada. A pronta submissão é prova legítima do amor e do respeito.

Coisa estranha! Todas as criaturas inanimadas obedecem sem dilação à voz de Deus: *Ipse dixit, et facta sunt* [^6]: falou, e foram feitas todas as coisas; mandou, e saíram do nada. Só o homem, que conhece quem é o Deus a quem deve obedecer, é o único que não lhe obedece com prontidão.

Que caso se faz de um criado tardo e preguiçoso em executar o que se lhe manda? Julgamos que nos agradecerá Deus aqueles obséquios que lhe prestamos com desgosto? O amor não sofre dilações; sempre se faz com prontidão o que se faz de boa vontade.

Quer o Senhor que se lhe abra no mesmo ponto em que chama: *confestim.* E o esposo não abre a porta aos que chamam um pouco tarde. Esta importante verdade obrigou todos os santos a velar continuamente para não serem surpreendidos. Ela os fez tão prontos a obedecer à voz de Deus, de qualquer maneira que se lhes fizesse entender. Com que escrupulosa exatidão executavam as ordens de seus superiores; com que fervor cumpriam as mais miúdas obrigações de seu estado; com que prontidão obedeciam ao primeiro toque do sino! As ovelhas, logo que ouvem o assobio do pastor, ao ponto o seguem. Se os apóstolos tivessem dilatado seguir a Cristo logo que os chamou, jamais o teriam seguido. Não deliberou nem um só momento a Madalena quando ouviu que o Mestre a chamava. Meu Deus, quantas graças se têm perdido, quantas inspirações se têm malogrado, quantas vocações se têm desvanecido por não vos haverem obedecido ao momento!

Pois que vos dignais fazer-me conhecer quão perigosa é a menor dilação em render-me a vossa vontade, fazei, Senhor, que de agora em diante vos obedeça com a mais pronta exatidão; e isto é o que determino fazer com o auxílio de vossa divina graça.

Jaculatórias

> *Loquere, Domine, quia audit servus tuus.* 1 Sm 3.

Falai, Senhor, que vosso servo ouve.

> *Paratum cor meum, Deus, paratum cor meum.* Sl 56.

Meu coração está aparelhado, Senhor; meu coração está aparelhado.

Propósitos

1. Se ouvires hoje a voz de Deus, diz o Espírito Santo, não queiras endurecer teu coração: *Hodie si vocem ejus audieritis, nolite obdurare corda vestra.* Por esta palavra *hoje*, segundo São Paulo, entende-se todo o tempo desta vida, no qual continuamente nos está falando o Senhor, já por livros espirituais, já pela voz dos confessores, já pelo exemplo dos santos, já pelos acidentes imprevistos e já por secretas inspirações. *Nolite obdurare corda vestra:* guarda-te de fazer-te surdo a estas vozes. Não obedecê-las prontamente é quase o mesmo que não as ouvir; e com as dilações vai-se endurecendo o coração insensivelmente. Quando fala Deus, tudo deve calar, as paixões, o amor-próprio, os respeitos humanos. Examina hoje quanto tempo há que o Senhor te está falando, te está chamando com golpes, com gritos, e sempre inutilmente. Pois tempo virá em que calará. Considera bem que desgraça será a tua quando, cansado, enfadado o Senhor de tua tardança, já não te falar palavra. Mas sirva-te de consolo que nesta mesma hora te está falando: estas reflexões, a leitura que agora estás fazendo deste livro são vozes suas, e é coisa bem fácil entender sua linguagem. Deseja que para sempre te ponhas em interdito a tal jogo, a tal comunicação, a tal concorrência; quer que reformes esse luxo, essa suntuosidade tão pouco cristã, esses modos orgulhosos, presumidos, desenfadados e altaneiros. Diz-te que adoces esse gênio avinagrado, esse natural áspero e desabrido, esse tom de voz altivo e desdenhoso. Manda-te que atendas às obrigações de teu estado e de teu ofício com mais exatidão, que velas sobre tua casa e família com maior cuidado e com mais zelo, que não te dispenses com tanta facilidade em teus exercícios espirituais, que os faças com mais devoção e não quebrantes com tanta ligeireza as regras que te propuseste para governar-te. Pede-te esse ligeiro sacrifício, essa curta mortificação,

essa obra de caridade, essa esmola. Previne-te que ores, que estejas sempre em vela, porque virá na hora em que menos o pensares. Não deixes que passe o dia de hoje sem fazer o que te manda.

2. Fala-nos Deus de muitas maneiras; mas nunca se percebe mais clara e mais distintamente sua voz que no estado religioso e em qualquer outro estado de subordinação e de dependência. A ordem do superior, um toque de sino, um ponto do instituto, uma regra são sempre a voz de Deus. Não obedeças a esta voz com tibieza, com desídia, com restrições nem com preguiça. Ordinariamente a tibieza da alma no fervor nasce de sua tibieza em obedecer. Toma desde logo a resolução de não negar a Deus essa prontidão em obedecer, que dá novo esplendor e aumenta muito o mérito à obediência. Sê pronto em deixar tudo logo que ouvires a voz de Deus. Corta a conversação, despede a visita, levanta a mão do que tens começado, não acabes nem de formar a letra logo que ouvires que te chama Deus. Ao primeiro toque do sino, à primeira ordem do superior, à hora precisa que tu mesmo te assinalaste para dedicar-te a outra coisa, deixa tudo. Viverão um pouco oprimidos com esta pontualidade o gênio e o amor-próprio, mas disso depende o progresso na virtude. Sem este exato fervor, sem esta pronta obediência, vai-se pouco a pouco consumindo o espírito ao lento calorzinho da frouxidão e da tibieza.

[^1]: Apesar de suas grandes ocupações, São Vicente não deixou de compor vários escritos. Temos dele um tratado da vida espiritual, ou do homem interior; outro sobre a Oração dominical; outro intitulado *Consolo nas tentações contra a fé*; e sete cartas. Também se lhe atribui um tratado sobre o fim do mundo e sobre o Anticristo. Mas os críticos rejeitam como seus os sermões impressos com seu nome. (Nota do autor. No original a chamada aparece duas vezes: depois de «tratado da vida espiritual» e no final da vida do santo.) [^2]: O texto do OCR traz «13 4», com um algarismo ilegível; pelo contexto (morte de Clemente VII e eleição de Bento XIII) trata-se de 1394. [^3]: O OCR traz «Juan XXII»; corrigiu-se para XXIII, o papa de Pisa que renunciou em Constança. [^4]: O OCR traz «1447», data impossível, pois São Vicente morreu em 1419. Mantém-se como está no texto digitalizado. [^5]: Esta data é duvidosa: como o santo morreu em abril de 1419, a viagem à Bretanha deve ter começado antes (provavelmente 1417). Mantém-se como no texto digitalizado. [^6]: Sl 148.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:46:48 by Admin
Updated 20 November 2026 20:46:48 by Admin